



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação E Saúde – FACES

PEDRO TRINTA CASTEJON RESENDE

A GÊNESE DO BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Brasília
2016

PEDRO TRINTA CASTEJON RESENDE

A GÊNESE DO BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Dr. Arthur José Medeiros de Almeida


Brasília
2016

ATA DE APROVAÇÃO

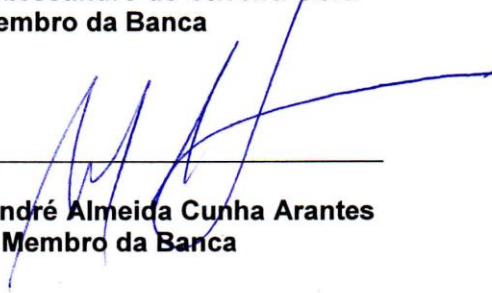
De acordo com o Projeto Político Pedagógico do **Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**, o acadêmico Pedro Trinta Castejon Resende foi aprovado junto à disciplina da licenciatura **Trabalho de Conclusão de curso – Apresentação**, com o trabalho intitulado A Gênese do Bullying nas aulas de Educação Física.



Prof. Dr. Arthur José Medeiros de Almeida
Presidente



Prof. Dr. Alessandro de Oliveira Silva
Membro da Banca



Prof. Me. André Almeida Cunha Arantes
Membro da Banca

Brasília, DF, 14 / 11 / 2016

RESUMO

Introdução: O bullying é um problema atual que afeta inúmeras crianças, sua ocorrência na escola é ampla e tem graves consequências para os alunos envolvidos. Nas aulas de educação física não é diferente e tal fenômeno está presente também neste momento. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo analisar a ocorrência de bullying durante as aulas de educação física nos anos finais do ensino fundamental. Especificamente, discutir sobre a origem do bullying nas aulas de educação física e identificar as características individuais dos possíveis envolvidos. **Material e Métodos:** Para tal empreendimento de pesquisa foi realizada uma revisão da literatura com base em artigos e livros referentes à temática. **Revisão da Literatura:** O bullying vem acontecendo nas escolas há muito tempo, mas continua sendo um problema atual. Alunos vitimados, agressores e testemunhas têm suas características próprias e se relacionam de forma diferente com esse tipo de violência escolar. Nas aulas de educação física a violência escolar mostra relações diferentes se comparadas às ocorrências de forma geral da escola, pelo caráter que a aula tem. **Considerações Finais:** A origem do bullying nas aulas de educação física e na escola de forma mais ampla não pode ser relacionada a uma variável em específico, mas sim abrange muitas variáveis que tornam possível o surgimento de casos de violência sistemática no ambiente escolar. **Palavras-chave:** bullying. educação física. escola. violência.

ABSTRACT

Introduction: Bullying is a current problem that affects many children, your occurrence in school is large and have serious consequences for the involved students. In the physical education classes isn't different and this phenomenon exist there too. **Objective:** This present study aims to analyze the occurrence of bullying during physical education classes. Specifically, discussing the origin of bullying in physical education classes and identifying the individual characteristics of the potential involved. **Material and Methods:** To the elaboration of this research was made a literature revision of articles and books related to the thematic. **Literature Review:** Bullying occurs in schools a long time ago but it continues an actual problem. Victims, aggressors and witnesses have your own characteristics and relate yourself with the school violence by different ways. In physical education classes it shows different relation if compared to the violence in the whole school, because of class character. **Conclusions:** Bullying's origin in physical education class and in school could not be related with a specific variable, it embrace a lot of variables that make possible occurring systematic violence cases in school.

Keywords: bullying. physical education. school. violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	8
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	9
3.1 O CONCEITO DE BULLYING E SUA PRÁTICA NAS ESCOLAS.....	9
3.2 AS CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS AGRESSORES, TESTEMUNHA E VÍTIMAS DE BULLYING	12
3.3 A PRÁTICA DO BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO A – CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR.....	23
ANEXO B – CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	24
ANEXO C – FICHA DE RESPONSABILIDADE DE APRESENTAÇÃO DE TCC ...	25
ANEXO D – FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC.....	26
ANEXO E – FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DO TCC.....	27
ANEXO F – A AUTORIZAÇÃO ARTIGO BIBLIOTECA.....	28

1 INTRODUÇÃO

O bullying é um problema atual, ao qual devemos ficar atentos, pois atinge as crianças e afeta a saúde e o bem estar das vítimas e agressores, os problemas ocasionados por ele não se restringem somente ao ambiente escolar, se estendem por toda a vida dos alunos envolvidos no fenômeno, e tem repercussão principalmente no aspecto psicológico e social, tanto daqueles que são vitimados quanto daqueles que são agressores. Dividindo-se em vários subtipos, dentre eles temos os mais comuns: físico, verbal, psicológico e relacional. Enquanto o físico e o verbal são agressões mais comuns, o psicológico (difamar e humilhar) o relacional, ou seja, excluir socialmente, o sexual e o racial também estão presentes no bullying (GUIMARÃES, 2015).

Portanto o bullying é definido como vários atos agressivos, sistemáticos, sem motivação aparente, que gera bloqueios psicológicos e problemas sociais, e é feito por um ou vários alunos contra um ou mais alunos (LEVANDOSKI; CARDOSO, 2013).

As aulas de educação física escolar exigem certo nível de habilidade motora, os alunos que ficam mais expostos quanto a suas deficiências motoras passam mais constrangimento e dificuldades na aula e esses alunos possuem maior risco de serem vitimados justamente por possuir uma habilidade motora menor. Fica clara a importância de trabalhar atividades balanceadas entre cooperação e competição para não comprometer o interesse desses alunos que tem mais dificuldades (MELIM; PEREIRA, 2015).

Situações em que há bullying nas aulas de educação física geralmente acontecem pelas brincadeiras de mau gosto, principalmente pelas agressões verbais que não são interpretadas como brincadeiras por todos os alunos (WEIMER; MOREIRA, 2014).

Segundo Silva (2014) a maior incidência de agressões verbais ocorre durante as atividades e sua causa é justamente a falta de habilidade do aluno que é ofendido. A aula de educação física deve trabalhar a socialização, utilizar o movimento corporal como ferramenta pedagógica para formar alunos mais conscientes e assim futuros cidadãos. Um ambiente de interação e não exclusão

dos alunos que proporcione harmonia entre diferentes tipos de alunos para que eles possam desenvolver o respeito ao próximo, esse respeito é crucial para a formação de pessoas conscientes e para a aprendizagem de como trabalhar em grupo sem discriminações com as diferenças dos colegas (REZENDE, 2012).

Este estudo tem como objetivo analisar a ocorrência de bullying durante as aulas de educação física nos anos finais do ensino fundamental. Especificamente, discutir sobre a origem do bullying nas aulas de educação física e identificar as características individuais dos possíveis envolvidos no fenômeno. Quais motivos que dão origem ao bullying estão envolvidos na prática do bullying durante as aulas de educação física dos anos finais do ensino fundamental?

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, utilizando-se variadas fontes que se referem ao bullying nas aulas de educação física dos anos finais do ensino fundamental e no ambiente escolar. Foram consultadas monografias, artigos de revistas científicas e publicados em anais de congressos, do período entre 2006 e 2016. Estes estão disponibilizados na plataforma Google Acadêmico, resultando no estudo cujo tema é “A gênese do bullying nas aulas de educação física”.

O material foi encontrado através das seguintes palavras chave: bullying, educação física, escola e violência. Foi feita uma leitura exploratória dos recursos bibliográficos selecionados a fim de identificar dentro dos mesmos aquilo que se refere a origem do bullying dentro das aulas de educação física escolar. Através de uma leitura seletiva foram escolhidas as informações que melhor abordam a temática proposta pelo estudo, depois de obtidas passaram por uma leitura analítica, para averiguar a relevância das informações selecionadas, e assim a partir de uma leitura interpretativa desses dados selecionados foram elaboradas as pesquisas que formam este estudo.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 O conceito de bullying e sua prática nas escolas

O conceito de bullying surge através dos estudos do psicólogo Dan Olweus na década de 1970, apesar de ser um fenômeno antigo ganhou mais atenção recentemente, o termo deriva da palavra inglesa “bully” que significa valentão. Com os estudos de Olweus sobre o fenômeno na década de 1980 surgem programas de intervenção e sensibilização quanto ao fenômeno que pretendiam alertar a sociedade sobre a problemática. O sucesso foi tanto que logo os programas anti-bullying se espalharam por outros países e desde então aumentou-se o número de pesquisas sobre o tema (MARTINS, 2013).

O bullying é um problema atual que está presente nas escolas e que traz consequências para a saúde e bem-estar de vítimas e agressores. Não envolve só os escolares, mas também toda a comunidade educativa e as famílias (GUIMARÃES, 2015).

Esse ambiente, que é a escola, é um dos mais importantes locais de socialização para as crianças onde elas desenvolverão suas habilidades sociais para conviver e confrontar o mundo e as pessoas que nele estão. Quando o bullying assola essas crianças e impede um bom desenvolvimento dessas habilidades sociais, tornando a escola um local que o indivíduo se sinta inseguro, afastamos dele a oportunidade de ter essa habilidade essencial aos dias atuais desenvolvida em seu máximo potencial (MENDES, 2010).

É denominado bullying um tipo de violência sistemática e intencional que tem o objetivo de fazer mal e manter um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, prejudicando e causando danos principalmente a vítima. Deste fenômeno, que se manifesta nas aulas e no intervalo, participam vítimas, agressores e testemunhas de forma direta e indireta. Ele afeta as pessoas ligadas aos participantes em muitos aspectos (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009).

Em 2002, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência - ABRAPIA, uma ONG que tem o objetivo de defender os direitos de crianças e adolescentes, fez um levantamento com cerca de 5.482 alunos de dez escolas do município do Rio de Janeiro, através dele foi atestado que 16,9% do total

da amostra foi alvo de bullying em alguma ocasião, 12,7% atuaram como autores de bullying e 10,9% como autores e vítima, totalizando um total 40,5% da amostra envolvida diretamente no fenômeno (LOPES NETO, 2005).

Em 2013, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou um estudo sobre a incidência do bullying em todas as capitais e do Distrito Federal, foram entrevistados mais de 100.000 alunos do nono período do ensino fundamental para a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) e constatou-se que 20,8% dos alunos são agressores, 35,4% foram vitimados nos trinta dias que antecederam a pesquisa, 28,8% se sentiam raramente humilhados na escola e 7,2% sempre se sentiam humilhados. Mais de 50% dos agressores não sabiam ilustrar a motivação para seus atos, o que demonstra que os motivos mais banais e demonstração de poder dentro do grupo podem dar origem ao fenômeno. Segundo a pesquisa a incidência de bullying nas escolas do Brasil vem crescendo e isso é um dado alarmante (SILVA, 2015).

O bullying se pode ser classificado em vários tipos, dentre eles temos o físico, verbal, psicológico, racial e sexual. As variáveis verbal e física são as mais praticadas, sendo que a prática tem seu auge na idade entre 12 e 15 anos, que são referentes aos anos finais do ensino fundamental e início do ensino médio. Esse fato que levanta a questão de como trabalhar essa temática com os alunos durante os anos iniciais do ensino fundamental, para criar uma conscientização antes que o bullying possa exercer uma maior influência, visto que esse é um problema que vem tomando proporções gigantescas nos colégios (RATO, 2013).

Tratar dessa questão o mais cedo possível na escola pode ser considerado uma solução de longo prazo para o problema. Quando os alunos internalizam a mensagem e a partir de suas próprias atitudes repudiam atitudes violentas no ambiente escolar, estamos a um passo de amenizar a situação. Medidas disciplinares severas, apesar de serem solução momentâneas, não oferecem uma alternativa definitiva ou sequer melhora real quanto ao comportamento dos alunos envolvidos em casos de bullying. Assim, devemos nos lembrar de que as normas escolares estão de acordo com os propósitos do ensino da instituição e podem divergir das sanções sociais sofridas pelos alunos em seu contexto social, ou seja, essas ocorrem no âmbito escolar e no âmbito do grupo em que o escolar se

relaciona socialmente, mas as duas sanções podem divergir de um lugar a outro (BARROS et al., 2016).

O intervalo, onde não é comum um maior controle dos adultos, acaba sendo o tempo e o espaço onde supostamente se tem a maior incidência de práticas agressivas. Locais como o banheiro, corredores, estacionamentos e refeitórios são espaços onde existe também uma grande probabilidade de ocorrência do bullying. Cabe ressaltar que essa prática não se restringe ao gênero, homens e mulheres, ela pode acontecer entre meninos e meninas. Sendo que entre garotos e garotas temos a predominância do bullying verbal e sexual, já entre os garotos, a agressão mais frequente é a física e a verbal, já entre as garotas ocorre, predominantemente a verbal e relacional (SANTOS et al., 2016).

Segundo uma pesquisa feita por Rato (2013) em três escolas de Vila Real em Portugal que mediu a incidência de casos de bullying entre 203 alunos, para identificar os locais com maior número de ocorrências, se constatou que 28,6% dos casos relatados aconteceram em sala de aula, 4,9% em corredores ou no horário da saída das aulas, 46,8% no intervalo, 4,4% no banheiro, 7,4% nas aulas de educação física e 7,9% desses casos em outros locais da escola.

Quanto ao gênero e sua participação como vítima ou agressor um estudo realizado por Linhares e colaboradores (2013) que visava definir a incidência de participação dos alunos nas ocorrências de bullying verificou-se através da análise de questionários dos alunos do ensino fundamental de uma escola municipal de Itaperuna no Rio de Janeiro, que as meninas são mais constantemente vitimadas (68,8%) ou fazem papel de testemunhas (68,2%). Por outro lado os garotos, na maior parte das vezes, são os agressores (64,7%) e quando são vítimas, em algum ponto também foram agressores de uma ou mais ocorrências (44%). Apesar de comporem uma amostra pequena, de pouco mais de 140 alunos do ensino fundamental II, com idade entre o 12 e 14 anos, podemos perceber um indicativo para nos alertar quanto ao grande número de casos do problema na etapa de ensino estudada.

A escola deve trabalhar a questão da conscientização, estabelecer limites muito bem definidos e implementar regras precocemente, estimular o diálogo e proporcionar a construção de uma reflexão crítica, pois assim se pode intervir para

evitar as consequências mais traumáticas dessa fase de transição da vida dos escolares, antes que passem por situações e problemas que envolvem o bullying (SILVA, 2015).

3.2 As características individuais dos agressores, testemunha e vítimas de bullying

O principal fato que desencadeia no bullying é a rejeição às diferenças, as vítimas são escolhidas por terem comportamentos e características diferentes, e estarem fora dos padrões ditos normais (RODRIGUES, 2012).

Um estudante que sofre agressões constantes é considerado uma vítima, não se tem muitas informações sobre elas, justamente por não se exporem e não buscarem ajuda para o problema, pela falta de autoconfiança e geralmente serem passivas. Dentre as vítimas que são de maioria passivas e sofrem caladas com a situação, existem também vítimas ativas que revidam aos constantes assédios (ZOEGA; ROSIM, 2009).

Alguns alunos que são alvo de bullying também podem praticar com outras crianças que considera inferior a si de alguma forma, seja fisicamente, intelectualmente, pelo rendimento escolar ou determinadas características pessoais. Estudantes que usam óculos, são gordos ou muito magros, crianças com várias características individuais diferentes são geralmente alvo de bullying, pois basta um pequeno motivo para um agressor implicar com ela e torna lá mais uma vítima. Dentre essas características se destaca a falta de capacidades físicas ou habilidades motoras, e isso tem um reflexo direto nas aulas quem envolvem esportes ou competições onde as vítimas são frequentemente excluídas e não se sentem bem em participar de tais atividades. Uma vítima foi caracterizada como um escolar que não possui habilidade ou meios para impedir o assédio, ela possui problemas para se relacionar com os demais alunos, tem composição corporal geralmente em um dos extremos, muito magra ou gorda, e tem baixo rendimento nos esportes em relação a seus colegas de classe (BOTELHO; SOUZA, 2007).

Segundo Bandeira e Hutz (2012) as garotas participam quase com a mesma proporção que os meninos no fenômeno do bullying, apesar de se encontrar

algumas divergências na literatura sobre o nível de participação dos gêneros nesse tipo de acontecimento.

No estudo feito pela ABRAPIA no ano de 2002, quando investigada a violência escolar foi identificado que 50,5% das participações no bullying como autores que foram relatadas eram de indivíduos do sexo masculino, enquanto 49,5% eram de indivíduos do sexo feminino. Cabe observar que quando questionadas sobre as agressões, as garotas mostraram praticar mais a vertente psicológica, exclusão e manipulação da vítima (SILVA, 2015).

Um comportamento infantil, crianças mimadas e que geralmente são superprotegidas, muitas vezes pela mãe, são com frequência características que levam ela a ser vitimada na escola. É perceptível que os alunos mais propensos a se envolverem nesse tipo de situação como vítima são aqueles que possuem características diferentes, sejam elas físicas, divergências de habilidade, psicológicas e mentais ou de comportamento (GÓMEZ, 2009).

Outros participantes do fenômeno são os agressores, estes são constantemente caracterizados como mais fortes fisicamente, crianças muitas vezes seguras e mimadas que estão acostumadas a ganhar tudo o que desejam, embora às vezes inseguras, atualmente suas características tem mudado com o bullying atingindo outras esferas de interação sociais, como o cyberbullying, onde não necessariamente os atributos físicos contam, mas sim a capacidade de se relacionar do individuo, que pode ser boa ou ruim, já que também não é uma característica certa a popularidade ou impopularidade no meio escolar. Muitas vezes exercer atos violentos e brincadeiras de mau gosto contra os colegas é uma forma da criança de testar seu poder e alguns casos isolados não caracterizam um agressor, mas sim a continuidade desse tipo de atitude contra outra criança em específico, ou várias, define um agressor. Estes têm grande probabilidade de viverem em lares com problemas onde se instala um clima pesado que tem repercussão direta em seu comportamento para com os outros alunos fazendo com que tenham tendências agressivas (OLIVEIRA; SEIXAS, 2015).

Esses indivíduos que desencadeiam o bullying comumente precisam de apoiadores para continuar com seus atos, os que dão suporte são chamados de agressores passivos, que muitas vezes ficam entre as testemunhas que nada fazem

alem de presenciar o acontecimento, mas não se enquadram desta forma, pois incentivam os atos violentos contra o outro aluno, mas sem participar de forma direta, enquanto o agente agressor de forma direta é conhecido como ativo. Existem também crianças que influenciam e participam como mentores dos atos de bullying, sem se envolver de forma explicita e deixando que outro o faça por ela (MARTINS, 2013).

De acordo com Barros et al. (2016) os agressores se sentem recompensados mesmo que momentaneamente por serem o centro das atenções e obterem status dentro do grupo que convivem, através do apoio recebido dos agressores passivos, acreditam que todos devem realizar suas vontades e sentem prazer no papel que desempenham. O aluno com atitude agressiva gosta da atenção recebida pela ação violenta que pratica e muito constantemente busca essa atenção que para ele resulta em status dentre seus apoiadores.

Tanto vítimas quanto agressores têm características próprias, assim como esses dois agentes diretos do fenômeno de bullying, existe um terceiro participante que são as testemunhas, estas são aquelas crianças que presenciam o caso, mas resolvem não se envolver, muitas vezes com medo de se tornarem as próximas vítimas ou terem algum prejuízo ao se relacionar ao aluno vitimado uma vez que dentro da esfera social das crianças o agressor demonstra seu poder e tem apoiadores para a violência exercida (FERREIRA, 2010).

Algumas testemunhas sentem medo de se tornarem as próximas vítimas e não demonstram seu apoio ao presenciarem casos de bullying por normalmente também terem uma estrutura psicológica fraca. Algumas se divertem com o que presenciam e algumas simplesmente não se importam por que em muitos casos a violência faz parte do seu convívio fora da escola e, portanto, não tem qualquer resposta emocional ao verem esses tipos de agressões. Se mantendo caladas, as testemunhas contribuem para o agravamento da situação (SILVA, 2015).

Elas têm um papel muito importante na prevenção dos casos de bullying, com a capacidade de alertar os adultos, as habilidades sociais e pessoais para não deixar que sejam atingidas, principalmente agindo em conjunto, se tomarem partido são as pessoas que tem maior chance de sucesso ao interferirem nas ocorrências das agressões (LOPES NETO, 2005).

3.3 A gênese e a prática do bullying nas aulas de educação física

Nas aulas de educação física, justamente por sua predominância prática, os alunos têm suas capacidades motoras, características individuais e seus corpos mais expostos, o que pode gerar situações discriminatórias (RATO, 2013).

A escola tem como um de seus objetivos, proporcionar o bem-estar e formar cidadãos ensinando as crianças sobre os conteúdos predeterminados por uma proposta político pedagógica. Um ambiente onde a criança possa desenvolver suas plenas capacidades sociais, afetivas e intelectuais, e que este seja livre de violência é de vital importância para tal (LEVANDOSKI; CARDOSO, 2013).

As aulas de educação física têm por objetivo trabalhar os conteúdos da cultura corporal de movimento, promovendo o desenvolvimento cognitivo, saúde, alfabetização motora, socialização e disseminando atividades físicas, esportivas e hábitos saudáveis. Essas aulas são enriquecedoras em muitos aspectos da formação do aluno, tais como a expressividade e a socialização. Por meio do movimento há a interação da criança com o mundo proporcionando a expressividade através do corpo, sendo considerada uma linguagem. O aprendizado que o aluno obtém em relação à socialização, que é algo muito trabalhado nas aulas de educação física escolar, é extremamente aprimorado para sua ação na sociedade. No entanto, os estudos que buscam entender o fenômeno do bullying nas aulas de educação física ainda são poucos se comparados aos que buscam respostas que envolvem todas as possibilidades de ocorrência de bullying na escola (FERREIRA, 2010).

Segundo Botelho, Souza (2007) e Rato (2013) as próprias características da aula de educação física podem propiciar um local mais favorável ao surgimento de casos de bullying, por que nesse momento os alunos ficam com seus corpos expostos, seu nível de desenvolvimento motor, habilidades e inabilidades é mais fácil aos demais estudantes identificar o que para eles é considerado diferente e fora do padrão, ou seja, as características individuais de cada estudante. Não necessariamente a falta de habilidades motoras é desencadeadora desse fenômeno, mas também pessoas muito habilidosas podem sofrer com o bullying. Garotas com

um bom rendimento na aula de educação física também podem sofrer com algum tipo de bullying, pois para os garotos, ela está fora do estereótipo de uma menina considerada normal e possui essa característica que no caso é avaliada como masculina. Esse fato ocorre frequentemente com as garotas que são boas em futebol, e isso também pode levar a discriminação dentre as e os colegas ou outra forma de violência de gênero.

A aula de educação física muitas vezes é o local de manifestação da violência e não necessariamente o local onde a motivação dela surgiu. Muitas manifestações nessa aula vêm de outros momentos, como uma ocorrência anterior de agressão a tal pessoa, pois o bullying se caracteriza por diversas agressões de forma sistemática. Quando a identidade do aluno está sendo formada é normal ele se socializar com um grupo ao qual acha que tem mais afinidade e esse grupo tenta se manter unido mesmo na aula de educação física, o que também pode acarretar na exclusão de indivíduos que não se encaixam dentre eles (MELIM; PEREIRA, 2015).

Segundo Rato (2013), normalmente a agressão verbal é a mais praticada durante na escola assim como registrado na literatura que investiga o bullying de forma mais abrangente. Nas aulas de educação física esse tipo de violência também é comum, porém acontecerem casos de violência física e maior número do que nos demais locais, justamente pelo caráter da aula. Também são comuns os casos de exclusão dos alunos pelos demais que acontecem com mais frequência na organização das atividades que foram propostas pelo professor. Em seu estudo em três escolas de Portugal, uma pública e duas particulares, no qual 549 estudantes responderam questionários que buscavam verificar quantos alunos sofreram ou sofriam agressões durante as aulas de educação física, foi constatado que 14,8% dos alunos já haviam sofrido ou sofriam bullying durante a aula, isso equivale a 81 crianças. Dentre esse percentual de indivíduos vitimados, 5,6% eram agredidos por um agressor em específico, 6,6% por dois ou três agressores, 0,4% por mais de nove agressores e 2,2% assentiram ser constantemente incomodados, mas não quiseram especificar o número de agressores envolvidos.

Botelho e Souza (2007) registraram em sua revisão de literatura que os alunos sofriam agressões verbais com maior frequência devido as suas

características físicas, estes também geralmente eram vítimas de rejeição e exclusão pelos demais alunos. As garotas que eram vitimadas pelos escolares do sexo masculino, na maioria dos casos, possuíam pouca coordenação motora e pouca habilidade esportiva ou, ainda, possuíam um nível mais elevado e se assemelhavam as habilidades dos garotos durante as atividades propostas na aula.

Segundo Oliveira e Votre (2006), na escola as crianças aprendem, o que pelos autores é considerado, “identidade de gênero”. Isso acontece através da incorporação de ideias de força e agressividade serem características masculinas e fragilidade e delicadeza feminina. Essas atribuições que constituem a “identidade de gênero” desencadeiam manifestações comportamentais e tem um reflexo direto na ocorrência de bullying nas aulas devido a diferença de classificação de gêneros. Essas diferenças de qualidades são reforçadas por tais ideias assimiladas, que podem levar esses indivíduos que fogem a esse estereótipo a serem vítimas de bullying.

Na pesquisa realizada em Portugal, em que os estudantes responderam ao questionário voltado a descobrir quantos alunos admitiam ter agredido outros colegas durante as aulas de educação física e se eles conseguiam explicar o porquê de terem tomado essa atitude, foi encontrado um percentual de 14,6% de alunos que admitiram ter cometido alguns tipo de violência com outro colega nas aulas de educação física. As agressões físicas foram cometidas por 5% dos alunos que responderam positivamente ao questionário. Já 0,3% foram mentores de casos de agressões verbais e relataram que sua motivação foi a etnia do outro aluno. Outros 3,9% participaram de casos de agressões verbais em várias ocasiões devido as características ou habilidades do aluno vitimado. Enquanto 1,4% relataram terem excluído alguns indivíduos propositalmente dos grupos aos quais participavam e 3,1% irritaram outros alunos de forma constante, mas não souberam dizer sua motivação. Por fim, 0,9% não quiseram especificar quais agressões cometeram além de responder positivamente ao questionário (RATO, 2013).

Bomfim (2012) em seu estudo com 140 alunos do ensino fundamental de uma escola do Guará no Distrito Federal procurou conhecer a incidência, o tipo de bullying que mais acontecia nas aulas de educação física e a motivação dos alunos por meio de questionário. De acordo com essa pesquisa, 17,7% dos alunos sofriam

agressões durante as aulas de educação física, e destes, 3,7% eram excluídos socialmente, 3% sofriam agressões verbais durante as atividades das aulas de forma constante, 3% sofriam assédios devido a sua etnia, 3% sofriam ameaças constantes, 2,1% eram agredidos fisicamente de forma constante, 1,4% eram excluídos na organização das atividades e 1,5% sofriam difamações constantes. Em relação aos motivos que levavam os estudantes a serem agredidos ou excluídos socialmente, as vítimas responderam que não se enquadravam no grupo, por sua etnia, por suas habilidades nos esportes, ou por terem composição corporal diferente da maioria da turma.

Os agressores normalmente precisam de apoio para suas ações devido ao fato de muitas vezes o bullying ser uma forma de testar e afirmar seu poder dentro do grupo em que está inserido. Entre as vítimas sempre há uma divergência de “poder” o que faz com que o aluno vitimado não tenha capacidade psicológica, social ou física de se defender nos casos do fenômeno na escola (SILVA, 2015).

A existência de apoiadores também foi averiguada pelo estudo de Rato (2013) para por a prova se a literatura que trata do bullying na escola de forma geral também reflete nas aulas de educação física. Aos alunos que compunham o percentual que haviam admitido cometer ou ter cometido agressões nas aulas de educação física, 14,6%, foi aplicado outro questionário onde se buscava o número de indivíduos que participou do ocorrido junto ao aluno que preconizou a ação. Assim verificou-se também se o depoimento das vítimas era condizente com o relato dos agressores. Os que responderam terem feito atos de violência sozinhos correspondem a 36%, com um ou dois apoiadores 54%, com três a oito apoiadores 8% e com mais de oito colegas 2%, o que corrobora com o relato das vítimas quanto ao número de agressores envolvidos nos casos relatados por elas.

O preconceito que vem de fora da escola é histórico e socialmente construído, e resulta em discriminação, rejeição, repulsa e raiva. Atitudes hostis ou negativas voltadas a um indivíduo podem se originar desse preconceito, seja ele voltado a questão econômica, étnica, religiosa, de gostos pessoais e qualquer peculiaridade sobre a qual possa haver preconceito. Isso pode ter um reflexo direto nas aulas de educação física onde os indivíduos ficam com seus corpos e habilidades expostas e

tem que conviver com o grupo para executar as atividades propostas pelo professor (BOMFIM, 2012).

Segundo Rodrigues (2012) quando nos referimos à esfera comportamental que levam às agressões verbais e condutas hostis, temos um quadro que pode ser intimamente relacionado ao preconceito. O fato de a criança testar e afirmar seu poder dentro do grupo ao qual está inserida muitas vezes é feito através de expressões que remetem a esse preconceito que o aluno trás do seu ambiente social fora da escola. Esse fator pode estar relacionado ao por que do bullying ocorrer com certa pessoa, somada a fatores sociais da vítima e força física, que gera um quadro favorável da visão do agressor. Assim, esse conjunto de fatores podem estar ligados a origem do bullying nas aulas de educação física e na escola como um todo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a puberdade os adolescentes tem a modificação do corpo, crescem muito e ficam desajeitados, as mudanças biológicas e fisiológicas desse período acontecem geralmente nos anos finais do ensino fundamental. Justificando o porquê de esta etapa ser a mais abordada pelas pesquisas que investigam o bullying nas aulas de educação física.

A motivação do bullying não é clara, muitos autores concordam que este fenômeno pode ter várias gêneses diferentes, e delimitar essa motivação que desencadeia ocorrências do fenômeno durante as aulas de educação física não é fácil pelo número escasso de estudos que abordam a temática.

Determinar essa motivação para a violência de forma sistemática é um processo mais complexo que identificar uma variável, classificar o tipo ou os indivíduos que participam direta ou indiretamente dos casos de bullying, portanto não pode ser apontado um motivo específico, mas sim um conjunto de fatores que trazem à tona a possibilidade de desencadear o fenômeno. Preconceito proveniente do ambiente de convívio externo a escola em que o aluno está inserido, etnia, credo, composição corporal, nível de habilidade motora, a formação de identidade do adolescente, características individuais, a questão de gênero e estereótipo, interação social, influência e poder de um indivíduo são os fatores que foram

identificados na literatura como possíveis desencadeadores de bullying nas aulas de educação física.

Com o estudo realizado, pessoas encarregadas da educação dos estudantes podem ter uma visão mais ampla e maior consciência sobre a gênese do bullying nas aulas de educação física e na escola de forma geral. Com essa compreensão poderão prevenir, conscientizar e intervir pedagogicamente em tais situações de forma mais eficiente, e ao longo do tempo amenizar o quadro alarmante do bullying.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v.16, n.1, p. 35-44, jan./jun. 2012.
- BARROS, Paulo Cesar; et.al. *Um estudo sobre Bullying no contexto escolar*, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2016.
- BOMFIM, Daiane Lopes et al. Ocorrência de Bullying nas aulas de educação física em uma escola do Distrito Federal. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 302-317, abr./jun. 2012.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, n.139, p.58-70, dez. 2007.
- FERREIRA, Cleber dos Santos. *Prática de violência no espaço escolar do Distrito Federal: uma interpretação do fenômeno nas aulas de Educação Física*. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- FRANCISCO, Marcos Vinicius; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.
- GÓMEZ, Juana María Rodríguez. Acoso escolar: medidas de prevención y actuación. *Educación*, Porto Alegre, v.32, n.1, p. 51-58, jan./abr. 2009.
- GUIMARÃES, Juliana da Silva. *Violência escolar: estudo exploratório segundo a perspectiva de professores do 1º ciclo do ensino básico*. 2015. 72 f. Monografia

(Graduação) – Programa de Graduação, Faculdade de Ciências humanas e sociais, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015.

LEVANDOSKI, Gustavo; CARDOSO, Fernando Luiz. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 135-145, mar. 2013.

LINHARES, Riana Duarte; et. al. O bullying na educação física escolar e sua diferença entre meninos e meninas. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 484-500, abr./jun. 2013.

MARTINS, Liliana Leandra Gonçalves. *Bullying a violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise*. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em psicologia, Univerisdade da Madeira, Funchal, 2013.

MELIM, Fernando Marcelo Ornelas; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite de oliveira. A influência da educação física no bullying escolar: A solução ou parte do problema. *Revista Ibero-americana de educação*, Portugal, v. 67, n. 1, p. 65-84, jan. 2015.

MENDES, Carla. Violência na escola: conhecer para intervir. *Referência*, Lisboa, v. 2, n. 12, p. 71-82, mar. 2010.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v.81, n. 5, p. 164-172, 2005.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 173-197, maio/ago. 2006.

OLIVEIRA, Sara; SEIXAS, Sónia Raquel. Percepções de professores e alunos do 1º ciclo do ensino básico sobre o bullying. *Interações*, Portugal, v.5, n.38, p. 270-292, 2015.

RATO, Felipe Dias. *Bullying nas aulas de educação física*. 2013. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Vila Real, 2013.

REZENDE, Ronaldo Machado. *A educação física na prevenção ao bullying no 6º ano do ensino fundamental do colégio estadual do povoado Mato Seco – Goiás*. 2012. 69 f. Monografia (Graduação) – Programa de pró-licenciatura em Educação Física, faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Planaltina, 2012.

RODRIGUES, Paulo Jorge Quina. *O Bullying em contexto escolar: a importância da disciplina de educação física*. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Vila Real, 2012.

SANTOS, Jaber Almeida dos; et. al. *Prevalência e tipos de Bullying em escolares brasileiros de 13 a 17 anos*, 2014. Disponível em: <<http://www.crossref.org/iPage?doi=10.15446%2Frsap.v16n2.30302>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas na escola*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Rozemeire Pinheiro da. *Jogos cooperativos como estratégia de redução de violência nas aulas de educação física: um estudo de caso em Barra do Bugres, MT*. 2014. 47 f. Monografia (Graduação) – Programa de Pró Licenciatura em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Barra do Bugres, 2014.

ZOEGA, Maria Teresa Silveira; ROSIM, Mirivaldo Antonio. Violência nas escolas: o bullying como forma velada de violência. *Unar*, Araras, v.3, n.1, p. 13-19, 2009.

ANEXO A



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR

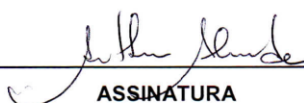
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de aceite do orientador

Eu, Arthur José Medeiros de Almeida, declaro aceitar orientar o aluno Pedro Trinta Castejon Resende no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, 06 de Agosto de 2016.



ASSINATURA



ANEXO B

CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

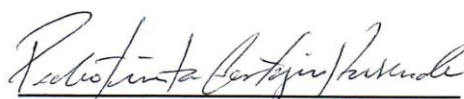
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC

Declaração de Autoria

Eu, Pedro Trinta Castejon Resende, declaro ser o autor de todo o conteúdo apresentado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Declaro, ainda, não ter plagiado a ideia e/ou os escritos de outro(s) autor(es) sob a pena de ser desligado desta disciplina uma vez que plágio configura-se atitude ilegal na realização deste trabalho.

Brasília, 16 de Novembro de 2016.



Orientando

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br

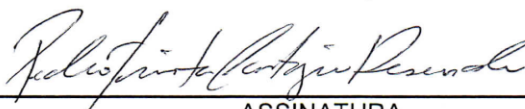


Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO C

FICHA DE RESPONSABILIDADE DE
APRESENTAÇÃO DE TCC

Eu, Pedro Trinta Castejon Resende RA: 21464617 me responsabilizo pela apresentação do TCC intitulado A Gênese do Bullying nas aulas de Educação Física no dia 14/11 do presente ano, eximindo qualquer responsabilidade por parte do orientador.



ASSINATURA



ANEXO D



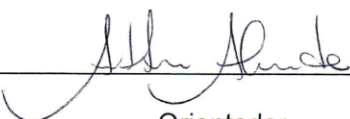
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC

Eu, Dr. Arthur José Medeiros de Almeida venho por meio desta,
como orientador do trabalho :

A gênese do bullying nas aulas de Educação Física
autorizar sua apresentação no dia 24 /11/ 2016 do presente
ano.

Sem mais a acrescentar,


Orientador

ANEXO E



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE TCC

Venho por meio desta, como orientador do trabalho, A Gênese do Bullying nas Aulas de Educação Física, do aluno Pedro Trinta Castejon Resende autorizar sua apresentação no dia 26/11/2016 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,



Orientador



ANEXO F

**AUTORIZAÇÃO**

Eu, Pedro Trinta Castejon Resende RA 21464617, aluno do Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, autor do artigo do trabalho de conclusão de curso intitulado A Gênese do Bullying nas aulas de Educação Física, autorizo expressamente a Biblioteca Reitor João Herculino utilizar sem fins lucrativos e autorizo o professor orientador a publicar e designar o autor principal e os colaboradores em revistas científicas classificadas no Qualis Periódicos – CNPQ.

Brasília, 16 de Novembro de 2016.

Assinatura do Aluno

